

Harlan Coben

**O PREÇO
DA VITÓRIA**



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DO AUTOR

Não conte a ninguém
Desaparecido para sempre
Não há segunda chance
O inocente
Silêncio na floresta
Confie em mim
Cilada
Refúgio (série Mickey Bolitar)

SÉRIE MYRON BOLITAR

Quebra de confiança
Jogada mortal
Sem deixar rastros
O preço da vitória
A promessa
Quando ela se foi
Alta tensão

*Para os Armstrong,
os melhores parentes do mundo.
Jack e Nancy,
Molly, Jane, Eliza, Sara, John e Kate,
obrigado a todos por Anne.*

capítulo 1

MYRON BOLITAR USAVA um periscópio de papelão para olhar por cima do aglomerado de espectadores com roupas ridículas. Ele tentou se lembrar da última vez que usara um periscópio de brinquedo, e surgiu em sua mente uma imagem daqueles cupons de promoção que vêm em caixas de cereal.

Pelo jogo de espelhos, Myron observou um homem de calças curtas, na altura dos joelhos, parado perto de uma minúscula esfera branca. Um murmúrio alvoroçado percorreu os espectadores. Myron conteve um bocejo. O homem se inclinou. Os espectadores se acotovelavam para assistir melhor e, então, caíram numa mudez reverente. Seguiu-se um silêncio sepulcral, como se as árvores, os arbustos e o gramado prendessem a respiração.

O homem golpeou a esfera branca com um bastão.

A multidão começou a murmurar de forma incompreensível. Enquanto a bola subia, os murmúrios ficavam mais altos. Era possível entender algumas palavras e, depois, algumas frases: “Que tacada de golfe maravilhosa!”, “Que supertacada de golfe!”, “Que bela tacada de golfe!”, “Uma tacada de golfe realmente impecável!”. Eles sempre diziam tacada *de golfe*, como se alguém pudesse confundir com uma tacada de *beisebol* ou uma tacada de *hóquei*.

– Sr. Bolitar?

Myron tirou os olhos do periscópio. Ele se sentiu tentado a gritar “Periscópio levantado!”, mas tinha receio de que alguns pomposos e arrogantes sócios do Merion Golf Club considerassem uma infantilidade. Principalmente durante o Aberto dos Estados Unidos. Ele se virou para um homem de rosto avermelhado de uns 70 anos.

– Sua calça – disse Myron.

– Perdão?

– Você está com medo de ser atingido pelo carrinho de golfe?

A calça era laranja e amarela, num tom ligeiramente mais ofuscante que a explosão de uma supernova. Para falar a verdade, a roupa do homem mal se destacava em meio às outras. A maioria das pessoas ali parecia ter acordado pensando que roupa poderia usar para destoar do, digamos, mundo natural. Muitas usavam tons de laranja e verde que são vistos apenas nos letreiros de neon mais cafonas. Amarelo e alguns estranhos matizes de púrpura também sobressaíam – em geral juntos –, uma combinação de cores que seria rejeitada até por uma equipe de líderes de torcida de uma escola do ensino médio do

Meio-Oeste. Era como se fizessem o máximo para competir com a beleza natural que os rodeava. Ou talvez fosse outra coisa. Quem sabe as roupas horrendas tinham uma origem mais funcional. Talvez nos velhos tempos, quando os animais vagavam livres, os golfistas se vestissem daquela maneira para se proteger das feras ameaçadoras. Boa teoria.

– Preciso falar com você – sussurrou o senhor. – É urgente.

Seus olhos suplicantes não se encaixavam no rosto arredondado e jovial. De repente ele agarrou o braço de Myron.

– Por favor – acrescentou.

– Do que se trata? – perguntou Myron.

O homem mexeu o pescoço como se o colarinho estivesse apertado demais.

– Você é agente esportivo, certo?

– Sim.

– E está aqui em busca de clientes?

Myron estreitou os olhos.

– Como sabe que não estou aqui para assistir ao fascinante espetáculo dos marmanjos passeando?

O velho não sorriu, mas os golfistas não são mesmo conhecidos por seu senso de humor. Ele esticou o pescoço novamente com desconforto e se aproximou. Seu sussurro foi áspero.

– Já ouviu falar em Jack Coldren? – perguntou.

– Claro – respondeu Myron.

Se o velho tivesse feito essa pergunta no dia anterior, Myron não teria a mínima ideia de quem se tratava. Ele não entendia nada de golfe e Jack Coldren não passara de um atleta medíocre nos últimos vinte anos. Mas, surpreendentemente, havia despontado em primeiro lugar já no primeiro dia do Aberto dos Estados Unidos, e agora, faltando apenas poucos buracos na segunda rodada, estava oito tacadas à frente.

– O que tem ele?

– E Linda Coldren? – perguntou o homem. – Sabe quem é?

Essa era mais fácil. Linda Coldren era a esposa de Jack e, de longe, a melhor golfista da última década.

– Sim – disse Myron.

O homem inclinou-se para ele e mexeu o pescoço novamente. Um tique muito irritante – para não dizer contagioso. Myron teve que se esforçar para não imitá-lo.

– Eles estão com um problema sério – sussurrou o velho. – Se você os ajudar, terá dois novos clientes.

– Que tipo de problema?

O velho olhou em volta.

– Por favor. Aqui tem gente demais. Venha comigo.

Myron deu de ombros. Não havia motivo para não ir. O velho tinha sido o único contato que ele descolara desde que seu amigo e sócio Windsor Horne Lockwood III – vulgo Win – o arrastara até ali. Como o Aberto dos Estados Unidos era no Merion – o campo de golfe preferido da família Lockwood havia cerca de um bilhão de anos –, Win achou que podia ser uma grande oportunidade para Myron pescar alguns clientes de primeira. Myron não tinha muita certeza disso. Pelo que sabia, o fator que mais o distanciava da multidão de agentes esportivos que infestava o verdejante gramado do Merion Golf Club era sua clara aversão ao golfe. E isso provavelmente não lhe dava nenhuma vantagem em relação aos fanáticos.

Myron Bolitar dirigia a MB Representações Esportivas, uma agência de atletas localizada na Park Avenue, em Nova York. Ele alugou o espaço de um ex-colega de faculdade, Win, herdeiro de uma fortuna e consultor de altíssimo nível da Lock-Horne Seguros e Investimentos, pertencente a sua família e sediada na mesma Park Avenue. Myron cuidava das negociações e Win, um dos mais respeitados corretores de seguros do país, cuidava dos investimentos e das finanças. O outro membro da equipe, Esperanza Diaz, cuidava do restante. Três poderes equilibrados. Exatamente como o governo americano. Muito patriótico.

Slogan: *MB Representações Esportivas – os outros não passam de comunas.*

Equanto o velho o conduzia pela multidão, vários homens com blazers verdes – outra roupa bastante comum em campos de golfe, talvez para se camuflar na grama – cumprimentavam-no: “Como vai, Bucky?” ou “Você está ótimo, Buckster” ou “Belo dia para jogar golfe, Buckaroo”. Todos tinham sotaque de gente rica, que havia estudado nas melhores escolas. Myron ia fazer um comentário sobre o fato de um marmanjo ser chamado de Bucky, mas quando seu nome é Myron...

Como em todos os eventos esportivos ao ar livre, o campo parecia mais um festival de outdoors do que uma área de competição. O outdoor de maior destaque era o da IBM. A Canon distribuía os periscópios. Empregados da American Airlines trabalhavam nas tendas de comida (uma companhia aérea servindo comida... que sabichões tiveram essa ideia brilhante?). A ala dos patrocinadores estava apinhada de empresas que desembolsavam mais de cem mil dólares cada para armar uma tenda por alguns dias, assim seus executivos tinham uma desculpa para comparecer ao torneio. Travelers Group, Mass Mutual, Aetna, Canon, Heublein. O que era essa Heublein? Parecia uma boa empresa. Talvez Myron comprasse um Heublein se soubesse o que era.

O engraçado era que o Aberto dos Estados Unidos era menos explorado comercialmente que a maioria dos torneios. Pelo menos eles ainda não tinham vendido seu nome. Outros torneios recebiam os nomes dos patrocinadores, que soavam meio bobos. Quem iria se animar para ganhar o Aberto JC Penney ou o Aberto Michelob ou o Desafio Wendy's Three-Tour?

O velho o levou a um estacionamento de primeira classe. Mercedes, caddies, limusines. Myron avistou o Jaguar de Win. Havia pouco tempo a Associação Americana de Golfe colocara uma placa escrita ESTACIONAMENTO EXCLUSIVO PARA SÓCIOS.

– Você é sócio do Merion – disse Myron. Brilhante dedução.

O velho transformou o tique do pescoço em algo semelhante a um sinal de assentimento.

– Minha família remonta à época da fundação do clube – disse ele, o sotaque arrogante agora ainda mais acentuado. – Assim como seu amigo Win.

Myron parou e olhou para o homem.

– Você conhece Win?

O velho deu um meio sorriso e encolheu os ombros, sem querer se comprometer.

– Você ainda não me disse seu nome – lembrou Myron.

– Stone Buckwell – respondeu ele, a mão estendida. – Todo mundo me chama de Bucky.

Myron apertou a mão dele.

– Eu também sou pai de Linda Coldren – acrescentou ele.

Bucky destravou as portas do Cadillac azul-celeste e os dois entraram. O velho deu a partida. O rádio tocava uma terrível versão instrumental de “Raindrops Keep Falling on My Head”. Myron logo tratou de abrir a janela para ventilar e para livrar-se um pouco do barulho.

Como só os sócios podiam estacionar no Merion, não houve problema em conseguir sair. Eles dobraram à direita no final do acesso ao estacionamento, depois novamente à direita. Bucky fez a gentileza de desligar o rádio. Myron colocou a cabeça de novo para dentro do carro.

– O que você sabe sobre minha filha e o marido dela? – perguntou Bucky.

– Não muito.

– Você não é fã de golfe, não é, Sr. Bolitar?

– Na verdade, não.

– O golfe é um esporte realmente magnífico – disse ele. – Embora a palavra *esporte* não lhe faça justiça.

– Ahã – fez Myron.

– É o jogo dos príncipes. – O rosto de Buckwell ficou ainda mais vermelho, os olhos esbugalhados com um êxtase típico dos fanáticos religiosos. Sua voz era baixa e reverente. – Não existe nada como o golfe, sabe? Você sozinho contra o campo. Sem desculpas. Sem equipe. Sem erros de arbitragem. É a atividade mais pura.

– Ahã – repetiu Myron. – Escute, não quero parecer grosseiro, Sr. Buckwell, mas o que significa tudo isso?

– Por favor, me chame de Bucky.

– Tudo bem. Bucky.

Ele assentiu aprovando.

– Pelo que sei, você e Windsor Lockwood são mais do que meros sócios – disse ele.

– E isso significa...

– Pelo que sei, faz tempo que vocês se conhecem. Foram colegas de faculdade, não é?

– Por que você continua fazendo perguntas sobre Win?

– Na verdade, vim ao clube para encontrá-lo – respondeu Bucky. – Mas acho que dessa maneira é melhor.

– Que maneira?

– Falar com você primeiro. Talvez depois... Bem, vamos ver. Não devo ter muitas esperanças.

Myron balançou a cabeça.

– Não tenho ideia do que você está falando.

Bucky entrou numa via adjacente ao campo de golfe, a Golf House Road. Os golfistas são muito criativos.

O campo ficava à direita, as mansões imponentes à esquerda. Um minuto depois, Bucky chegou a uma entrada de carros circular. A casa era razoavelmente grande e tinha fachada de seixo. Esse material era muito apreciado naquela região, e Win sempre se referia a ele como “pedra dos ricos”. Havia uma cerca branca, muitas tulipas e dois bordos, um de cada lado da entrada, além de uma ampla varanda no lado direito. O carro parou, e por um instante nenhum dos dois se mexeu.

– O que significa tudo isso, Sr. Buckwell?

– Temos um problema – respondeu ele.

– Que tipo de problema?

– Acho melhor deixar que minha filha lhe explique.

Ele tirou a chave da ignição e estendeu a mão para a porta.

– Por que você me procurou? – perguntou Myron.

– Disseram que talvez você possa ajudar.

– Quem disse isso?

Buckwell se pôs a mexer o pescoço com mais fervor. Sua cabeça parecia frouxa. Quando finalmente recuperou o controle, ele conseguiu olhar nos olhos de Myron.

– A mãe de Win.

O corpo de Myron se retesou. Seu coração parou. Ele abriu a boca, fechou, esperou. Buckwell saiu do carro e dirigiu-se à porta. Dez segundos depois, Myron foi atrás dele.

– Win não vai ajudar – disse Myron.

Buckwell assentiu.

– Foi por isso que procurei você primeiro.

Eles seguiram por um caminho de tijolos em direção a uma porta entreaberta. Buckwell a abriu.

– Linda?

Linda Coldren estava numa salinha vendo televisão. O short branco e a camiseta amarela revelavam membros graciosos de atleta. Ela era alta, tinha cabelos pretos com corte moderno e um bronzado que realçava seus músculos definidos. Os vincos em torno dos olhos e da boca indicavam que já se aproximava dos 40 anos, e ele logo percebeu por que ela era a queridinha dos publicitários. Havia um esplendor feroz naquela mulher, uma beleza ligada mais à força do que à delicadeza.

Ela estava assistindo ao torneio. Acima da televisão, havia porta-retratos com fotos da família. A um canto, sofás amplos estavam dispostos em forma de V. Decoração refinada para a casa de uma golfista. Nenhum tapete imitando o gramado de um campo de golfe. Nenhuma daquelas ilustrações de golfe que parecem estar um degrau abaixo da estética de, digamos, pinturas de cachorros jogando pôquer. Nenhum boné com a imagem de um *tee* e uma bola pendurado na cabeça empalhada de um alce.

Linda de repente voltou-se para eles, fuzilou Myron com o olhar, depois encarou o pai.

– Achei que você ia trazer Jack – disse ela com rispidez.

– Ele ainda não terminou a rodada.

Ela gesticulou em direção à televisão.

– Ele está no décimo oitavo buraco agora. Achei que você fosse esperar.

– Em vez disso, eu trouxe o Sr. Bolitar.

– Quem?

Myron deu um passo à frente e sorriu.

– Eu sou Myron Bolitar.

Linda lançou-lhe um olhar furtivo, depois encarou novamente o pai.

– Quem é esse cara?

– Ele foi recomendado por Cissy – respondeu Buckwell.

– Quem é Cissy? – perguntou Myron.

– A mãe de Win.

– Ah. Certo. Não o quero aqui. Livre-se dele – ordenou Linda.

– Linda, ouça. Precisamos de ajuda.

– Mas não dele.

– Ele e Win têm experiência com esse tipo de coisa.

– Win... – disse ela devagar – é psicótico.

– Ah – interpelou Myron. – Então quer dizer que você conhece bem o meu velho amigo?

Linda finalmente voltou a atenção para Myron. Seus olhos, azuis e intensos, se encontraram com os dele.

– Não falo com Win desde que ele tinha 8 anos. Mas você não precisa pular num buraco em chamas para saber que é quente.

Myron assentiu.

– Bela analogia.

Ela balançou a cabeça e olhou novamente para o pai.

– Eu já disse: nada de polícia. Vamos fazer o que eles mandarem.

– Mas ele não é policial – disse o pai.

– E você não devia contar a ninguém.

– Eu só contei para minha irmã – protestou Bucky. – Ela prometeu que não vai abrir a boca.

Myron se retesou mais uma vez.

– Espere um pouco – disse ele a Bucky. – Sua irmã é a mãe de Win?

– Sim.

– Você é tio de Win. – Ele olhou para Linda. – E você é prima de Win em primeiro grau.

Linda encarou Myron como se ele tivesse acabado de mijar no assoalho.

– Com uma inteligência dessa, fico feliz que esteja do nosso lado.

Todo mundo dá uma de sabichão.

– Se a coisa ainda não ficou clara, Sr. Bolitar, eu posso arranjar uma folha de papel grande e traçar uma árvore genealógica para você.

– Você pode usar muitas cores bonitas? – disse Myron. – Adoro cores bonitas.

Linda fez uma careta e lhe deu as costas. Na televisão, Jack Coldren preparava-se para dar uma tacada leve, a uma distância de três metros e meio do

buraco. Linda parou e se pôs a observar. Ele bateu e a bola descreveu um arco no ar, indo cair direto no buraco. O público aplaudiu com entusiasmo contido. Jack pegou a bola com dois dedos e tocou a aba de seu chapéu. O placar da IBM apareceu na tela. Jack Coldren estava com a extraordinária vantagem de nove tacadas.

Linda balançou a cabeça.

– Coitado.

Myron e Bucky ficaram calados.

– Ele esperou 23 anos por esse momento – continuou ela. – E agora ele consegue.

Myron olhou de relance para Bucky, que fez o mesmo, meneando a cabeça.

Linda não tirou os olhos da televisão até o marido sair para a sede do clube. Então inspirou fundo e encarou Myron.

– Sabe, Sr. Bolitar, Jack nunca venceu um torneio profissional. O mais perto que chegou disso foi em sua estreia, há 23 anos, quando tinha apenas 19 anos. Foi a última vez que o Aberto dos Estados Unidos foi disputado no Merion. Você deve se lembrar das manchetes.

Elas não lhe eram totalmente desconhecidas. Os jornais daquela manhã haviam feito um retrospecto do caso.

– Ele estava na liderança e perdeu, não foi?

Linda Coldren fez um som de escárnio.

– Não foi exatamente isso, mas sim. Desde então, sua carreira foi absolutamente medíocre. Houve anos em que ele nem chegou a se classificar para o torneio profissional.

– Ele levou um tempão para acabar com a maré de azar e chegar lá – disse Myron. – O Aberto dos Estados Unidos.

Ela lhe deu um olhar divertido e cruzou os braços sob o peito.

– Seu nome me é familiar – disse ela. – Você jogava basquete, não é?

– Sim.

– Na Universidade da Carolina do Norte?

– Duke – corrigiu ele.

– Certo, Duke. Agora estou me lembrando. Você teve uma lesão no joelho depois das eliminatórias.

Myron assentiu lentamente.

– Isso foi o fim de sua carreira, certo?

Myron concordou de novo.

– Deve ter sido duro.

Myron não disse nada.

Ela fez um rápido aceno com a mão.

– O que aconteceu com você não é nada comparado ao que aconteceu a Jack.

– Por que diz isso?

– Você sofreu uma contusão. Deve ter sido duro, mas no fim das contas não foi culpa sua. Jack tinha seis tacadas de vantagem no Aberto dos Estados Unidos, faltando apenas oito buracos. Você sabe o que isso significa? É como ter dez pontos de vantagem, faltando apenas um minuto para terminar a grande final da NBA. É como errar uma enterrada nos segundos finais e perder o campeonato. Jack nunca mais foi o mesmo depois disso. Ele nunca se recuperou. A partir daí, passou a vida inteira só esperando uma chance de se redimir. – Ela se voltou para a televisão. O placar estava de novo na tela. Jack continuava nove tacadas à frente.

– Se ele perder novamente...

Ela não se deu o trabalho de completar a frase. Todos ficaram em silêncio. Linda olhava para a televisão. Bucky esticou o pescoço, olhos úmidos, o rosto trêmulo à beira das lágrimas.

– Então, qual é o problema, Linda? – perguntou Myron.

– Nosso filho – disse ela. – Alguém sequestrou nosso filho.

capítulo 2

– **EU NÃO DEVIA ESTAR CONTANDO** isso para você – disse Linda. – Ele afirmou que o mataria.

– Quem afirmou?

Linda respirou fundo várias vezes, como uma criança num trampolim. Myron esperou. Levou algum tempo, mas ela finalmente mergulhou de cabeça.

– Recebi um telefonema esta manhã. – Seus olhos azuis se arregalaram, indo de um lado para outro, não se detendo em nada por mais de um segundo. – Um homem disse que estava com meu filho. Disse também que se eu chamasse a polícia, ele o mataria.

– Disse mais alguma coisa?

– Só que ligaria depois com instruções.

– Só isso?

Ela assentiu.

– A que horas foi isso?

– Nove, nove e meia.

Myron andou até a televisão e pegou um dos porta-retratos.

– Esta é uma foto recente de seu filho?

– Sim.

– Quantos anos ele tem?

– Dezesseis. Ele se chama Chad.

Myron examinou a foto. O adolescente risonho tinha os traços do pai. Estava com um boné de beisebol com a pala levantada, como os garotos hoje em dia costumam usar. Orgulhosamente, trazia apoiado no ombro um taco de golfe qual um soldado carregando a baioneta. Estava com os olhos apertados como se olhasse para o sol. Myron examinou o rosto de Chad como se ele pudesse dar uma pista ou algum insight excepcional. Não deu.

– Quando você notou que seu filho tinha desaparecido?

Linda deu um olhar de relance para o pai, depois endireitou o corpo, erguendo a cabeça como se estivesse preparando-se para um golpe. Ela falou devagar.

– Chad está desaparecido há dois dias.

– Desaparecido? – Myron Bolitar, o Grande Inquisidor.

– Sim.

– Quando você diz desaparecido...

– Quero dizer exatamente isso – interrompeu ela. – Não o vejo desde quarta-feira.

– Mas o sequestrador só ligou hoje?

– Sim.

Myron ia começar a falar, parou, suavizou a voz. Vá devagar, Myron. Com muito tato.

– Você tem alguma ideia de onde ele estava?

– Imaginei que ele estivesse com seu amigo Matthew – respondeu Linda.

Myron balançou a cabeça como se aquela afirmação revelasse um brilhante insight. Assentiu novamente.

– Chad disse isso?

– Não.

– Então – continuou ele, tentando dar às palavras um tom trivial – há dois dias você não sabe onde seu filho está.

– Acabei de falar: achei que ele estivesse com Matthew.

– Você não ligou para a polícia.

– Claro que não.

Myron estava prestes a fazer mais uma pergunta, mas a postura dela fez com que reformulasse suas palavras. Linda aproveitou aquela indecisão. Ela andou

em direção à cozinha com desenvoltura e altivez. Myron a seguiu. Bucky pareceu acordar de um transe e foi atrás deles.

– Deixe-me ver se estou entendendo – disse Myron, agora com uma nova abordagem. – Chad sumiu antes do torneio?

– Exato. O Aberto começou na quinta-feira. – Linda abriu a porta da geladeira. – Por quê? Isso é importante?

– Isso elimina um motivo.

– Que motivo?

– Interferir no torneio – disse Myron. – Se Chad tivesse sumido hoje, quando seu marido tem essa grande vantagem, eu iria pensar que alguém queria diminuir suas chances de ganhar o Aberto. Mas dois dias atrás, antes do início do torneio...

– Ninguém apostaria um tostão furado em Jack – ela completou a frase. – Especialistas calculariam para ele uma chance em cinco mil. Na melhor das hipóteses. – Linda balançava a cabeça enquanto falava, percebendo a lógica. – Quer um pouco de limonada? – perguntou.

– Não, obrigado.

– Pai?

Bucky negou. Linda se inclinou, sumindo atrás da porta da geladeira.

– Tudo bem – disse Myron batendo as palmas das mãos, esforçando-se ao máximo para soar casual. – Já descartamos uma possibilidade. Vamos tentar outra.

Linda parou e olhou para ele. Segurava um jarro de vidro de quase quatro litros, suportando o peso com facilidade. Myron se perguntava como abordar a questão. Não havia nenhuma maneira fácil.

– Seu filho pode estar por trás disso?

– O quê?

– É uma pergunta óbvia considerando-se as circunstâncias.

Ela colocou o jarro numa bancada de madeira.

– O que você está querendo dizer? Você acha que Chad simulou o próprio sequestro?

– Eu não disse isso. Eu disse que queria verificar essa possibilidade.

– Fora daqui.

– Ele ficou dois dias desaparecido, e você não ligou para a polícia – disse Myron. – Uma conclusão possível é que haja certa tensão aqui. E que Chad já tenha fugido antes.

– Ou... – retrucou Linda, cerrando os punhos – você pode concluir que confiamos em nosso filho. Que damos um nível de liberdade compatível com seu nível de maturidade e responsabilidade.

Myron lançou um olhar a Bucky, que estava de cabeça baixa.

– Se é assim...

– É assim.

– Mas garotos responsáveis não dizem aos pais aonde vão? Quer dizer, só para que eles não se preocupem.

Linda pegou um copo com uma cautela excessiva. Ela o colocou na bancada e lentamente começou a enchê-lo de limonada.

– Chad aprendeu a ser muito independente. O pai dele e eu somos golfistas profissionais. Isso significa, sinceramente, que nenhum dos dois fica muito tempo em casa.

– O fato de vocês ficarem tanto tempo longe... – disse Myron. – Isso gerou algum conflito?

Linda balançou a cabeça.

– Isso não vai nos levar a nada.

– Estou só tentando...

– Ouça, Sr. Bolitar, Chad não está simulando nada. Sim, ele é um adolescente. Não, ele não é perfeito, e seus pais também não. Mas ele não simulou o próprio sequestro. E se o fez... eu sei que não, mas vamos supor que sim... então ele está em segurança e não precisamos de você. Se isso for uma espécie de farsa cruel, logo saberemos. Mas se meu filho está em perigo, seguir essa linha de raciocínio é uma total perda de tempo.

Myron fez um gesto de concordância. Ela tinha razão.

– Entendo – disse ele.

– Ótimo.

– Você ligou para o amigo dele quando soube do sequestro? O amigo com quem você achava que ele poderia estar?

– Matthew Squires. Sim.

– Matthew tinha alguma ideia de onde ele estava?

– Nenhuma.

– Eles são amigos íntimos, certo?

– Sim.

– Muito íntimos?

Ela franziu a testa.

– Sim, muito.

– Matthew liga muito para cá?

– Sim. Ou eles se falam por e-mail.

– Vou precisar do telefone de Matthew.

– Mas acabei de dizer que já falei com ele.

– Perdoe minha inconveniência. Tudo bem, vamos retroceder um pouco. Quando você viu Chad pela última vez?

– No dia em que ele desapareceu.

– O que aconteceu?

Ela franziu a testa novamente.

– O que quer dizer com “o que aconteceu”? Ele foi para o curso de verão. Desde então, não o vi mais.

Myron a examinou. Ela parou e lhe lançou um olhar um tanto duro. Alguma coisa ali não estava batendo.

– Você ligou para a escola para saber se ele esteve lá?

– Não pensei nisso.

Myron consultou o relógio. Sexta-feira. Cinco da tarde.

– Duvido que tenha alguém lá, mas tente. Você tem mais de uma linha telefônica?

– Sim.

– Não use a linha para a qual o sequestrador ligou. Não quero que ela esteja ocupada caso ele ligue de novo.

Ela assentiu.

– OK.

– Seu filho tem cartões de crédito, cartões de banco ou coisas do tipo?

– Sim.

– Vou precisar de uma lista. E dos números, se você os tiver.

Ela tornou a concordar.

– Vou falar com um amigo para ver se ele consegue instalar um identificador de chamadas – continuou Myron. – Para quando o sequestrador ligar. Chad tem um computador, certo?

– Sim – respondeu ela.

– Onde ele fica?

– Lá em cima, no quarto dele.

– Vou mandar tudo que há nele, via modem, para meu escritório. Tenho uma assistente chamada Esperanza. Ela vai passar um pente-fino para ver se acha alguma coisa.

– Que tipo de coisa?

– Francamente, não tenho a menor ideia. E-mails. Mensagens instantâneas. Redes sociais de que ele participa. Qualquer coisa que possa nos dar uma pista. Não é um processo muito científico. Você vasculha um monte de material, e talvez alguma coisa leve a uma pista.

Linda refletiu por um instante.

– Tudo bem.

– E quanto à senhora, Sra. Coldren? Tem algum inimigo?

Ela deu um meio sorriso.

– Eu sou a golfista número um do mundo. Isso faz com que eu tenha um monte de inimigos.

– Alguém que possa estar fazendo isso?

– Não. Ninguém.

– E quanto ao seu marido? Alguém que o odeie a esse ponto?

– Jack? – Ela forçou uma risadinha. – Todo mundo adora o Jack.

– O que isso significa?

Ela apenas balançou a cabeça, sem dar importância a ele.

Myron fez mais algumas perguntas, mas havia pouco para investigar. Ele perguntou se podia ir ao quarto de Chad, e ela o levou ao andar de cima.

A primeira coisa que Myron viu ao abrir a porta foram os troféus. Muitos troféus. Todos de golfe. A figura de bronze no alto de cada peça era sempre um homem na posição de quem acaba de dar uma tacada, o taco acima do ombro, a cabeça erguida. Alguns homenzinhos estavam de boné. Outros tinham cabelos curtos e ondulados. Havia dois sacos de golfe de couro no canto direito, ambos atulhados ao máximo com tacos. Fotografias dos papas do golfe Jack Nicklaus, Arnold Palmer, Sam Snead, Tom Watson forravam as paredes. Exemplares de *Golf Digest* estavam espalhados pelo chão.

– Chad joga golfe? – perguntou Myron.

Linda limitou-se a olhar para ele. Os olhos de Myron encontraram com os dela, e ele assentiu sabiamente.

– Minha capacidade de dedução... – começou. – Ela intimida muita gente.

Ela quase sorriu. Myron, Mestre em Aliviar Tensões.

– Vou tentar me acostumar ao seu humor – disse ela.

Myron se aproximou dos troféus.

– Ele joga bem?

– Muito bem. – Ela se voltou de repente e ficou de costas para o quarto. – Você precisa de mais alguma coisa?

– Por enquanto não.

– Vou descer.

Ela não esperou a aprovação dele.

Myron andou pelo quarto. Ele checkou a secretária eletrônica de Chad. Três mensagens. Duas de uma garota chamada Becky. Ela parecia ser muito amiga dele. Estava ligando só para dizer, tipo, para ver se ele queria, tipo, fazer alguma coisa naquele fim de semana, saca? Ela, Millie e Suze iam, tipo, dar uma chegada

no Heritage, certo, e se ele quisesse ir, bem, sabe, mil coisas. Myron sorriu. O tempo passava, mas as palavras dela podiam ter sido ditas por uma colega dele do ensino médio ou por uma colega do pai dele ou do pai de seu pai. O ciclo das gerações. A música, os filmes, a linguagem, a moda – essas coisas mudam. Mas são apenas estímulos externos. Por trás das calças e dos cortes de cabelo da moda, os mesmos medos, necessidades e sentimentos de inadequação adolescentes mantinham-se assustadoramente constantes.

O último telefonema era de um cara chamado Glen. Ele queria saber se Chad topava jogar golfe no “Pine” no fim de semana, já que o Merion não estava disponível por causa do torneio. “Papai pode descolar um *tee* para nós, não tem problema”, garantiu a voz gravada, num inconfundível tom de colegial.

Não havia mensagens de Matthew Squires, o amigo íntimo de Chad.

Ele ligou o computador e abriu o gerenciador de e-mails de Chad. Dezenas de mensagens apareceram automaticamente. Myron verificou a lista de contatos de Chad e achou o endereço de e-mail de Matthew Squires. Ele passou os olhos pelas mensagens recebidas. Nenhuma era de Matthew.

Interessante.

Naturalmente, era bem possível que Matthew e Chad não fossem tão íntimos como pensava Linda Coldren. Era bem possível também que, ainda que fossem, Matthew não tivesse se comunicado com o amigo desde quarta-feira – mesmo que seu amigo tivesse desaparecido sem avisar. Acontece.

Ainda assim, era interessante.

Myron pegou o telefone de Chad e apertou o botão de rediscagem. Depois de quatro toques, ele ouviu uma gravação: “Você ligou para Matthew. Deixe um recado, ou não. Você decide.”

Myron desligou sem deixar recado (afinal de contas quem decidia era ele). Humm. O último telefonema de Chad foi para Matthew. Isso podia ser importante. E também podia não ter nada a ver. De qualquer forma, Myron avançava rapidamente para lugar nenhum.

Ele pegou o telefone de Chad e ligou para seu escritório. Esperanza atendeu depois do segundo toque.

– MB Representações Esportivas.

– Sou eu. – Ele a inteirou dos acontecimentos.

Esperanza Diaz trabalhava na MB Representações Esportivas desde a sua fundação. Uma década antes, quando Esperanza tinha apenas 18 anos, era a Rainha das Manhãs de Domingo na TV. Não, ela não apresentava nenhum comercial, embora seu programa concorresse com um monte deles, principalmente aquele do aparelho para exercícios abdominais que tem uma semelhança impressio-

nante com um instrumento medieval de tortura. Esperanza havia sido uma lutadora profissional apelidada de Pequena Pocahontas, a Princesa Indígena. Com seu pequeno corpo ágil vestido apenas com um biquíni de camurça, ela foi eleita três anos seguidos a mais popular da Associação Nossas Incríveis Lutas (ANIL) – ou, como o prêmio era mais conhecido, A Gata Que Você Mais Gostaria de Pegar de Jeito. Apesar disso, Esperanza não perdeu a humildade.

Quando Myron terminou de falar sobre o sequestro, as primeiras palavras de Esperanza foram de incredulidade:

– Win tem mãe?

– Sim.

Pausa.

– Lá se vai minha teoria de que ele tinha nascido de um ovo satânico.

– Ha-ha.

– Ou de que tinha sido chocado num experimento muito malsucedido.

– Você não está ajudando em nada.

– Ajudar em quê? – retrucou Esperanza. – Eu gosto de Win, você sabe disso.

Mas o rapaz é... como é mesmo o termo psiquiátrico oficial?... aloprado.

– Esse aloprado já salvou sua vida.

– Sim, mas você se lembra como foi.

Myron se lembrava. Um beco escuro. A chuva de balas disparadas por Win. Fragmentos de cérebro espalhando-se por toda parte feito confete. Típico de Win. Eficiente mas exagerado. Como esmagar um inseto com uma bola de demolição.

Esperanza quebrou o longo silêncio.

– Como eu já disse – começou ela suavemente –, aloprado.

Myron queria mudar de assunto.

– Algum recado?

– Um milhão, mais ou menos. Mas nada urgente. – Então ela perguntou:

– Você já encontrou com ela?

– Quem?

– Madonna! – respondeu Esperanza com rispidez. – Quem mais poderia ser?

A mãe de Win.

– Uma vez – disse Myron, rememorando.

Havia mais de dez anos. Ele e Win estavam jantando no Merion. Na ocasião, Win não falou com ela. Mas ela falara com ele. A lembrança fez Myron morrer de vergonha de novo.

– Você já contou essa história a Win?

– Não. Alguma sugestão?

Esperanza refletiu por um instante.
– Fale por telefone. A uma distância segura.

capítulo 3

ELES NEM PRECISARAM esperar muito.

Myron ainda estava na salinha dos Coldren com Linda quando Esperanza retornou a ligação. Bucky voltara para o Merion a fim de buscar Jack.

– O cartão do garoto foi usado ontem às 18h18 – disse Esperanza. – Ele sacou 180 dólares. Numa agência do First Philadelphia, na Porter Street, zona sul da cidade.

– Obrigado.

Informação desse tipo não é difícil de conseguir. Qualquer um com o número de uma conta pode muito bem fazer uma ligação fingindo ser o titular. E ainda que não tenha o número, qualquer indivíduo que tenha trabalhado na polícia tem os contatos, os números de acesso ou pelo menos recursos para pagar à pessoa certa. Não é preciso muito mais que isso; não com a atual onipresença da tecnologia. A tecnologia fez mais do que despersonalizar; ela escancarou a nossa vida, nos invadiu, eliminou toda e qualquer pretensão de privacidade.

Basta apertar algumas teclas para revelar tudo.

– O que foi? – perguntou Linda.

Ele contou.

– Isso não significa necessariamente o que você está pensando – disse ela. – O sequestrador talvez tenha obtido a senha do próprio Chad.

– Talvez – repetiu Myron.

– Mas você não acredita nisso, não é?

Ele deu de ombros.

– Digamos que estou meio cético.

– Por quê?

– A quantia, por exemplo. Qual é o limite de Chad?

– Quinhentos dólares por dia.

– Então por que um sequestrador iria sacar apenas 180 dólares?

Linda refletiu por um instante.

– Se ele sacasse muito, alguém poderia desconfiar.

Myron franziu a testa.

– Mas se o sequestrador fosse tão cauteloso – ponderou ele –, por que se

arriscaria tanto por 180 dólares? Todo mundo sabe que os caixas eletrônicos têm câmeras de segurança. Todo mundo sabe que basta usar um computador para revelar a localização de alguém.

Ela lhe lançou um olhar sereno.

– Você acha que meu filho não está em perigo.

– Eu não disse isso. Essa história toda pode ser enganadora. Você estava certa: é mais seguro lidarmos com um sequestro verdadeiro.

– Então qual é seu próximo passo?

– Não sei bem. O caixa fica na Porter Street, na zona sul da Filadélfia. É um lugar aonde Chad costuma ir?

– Não – disse Linda devagar. – Na verdade, é um lugar aonde eu nunca imaginaria que ele fosse.

– Por quê?

– É um lugar malfrequentado. Uma das regiões mais degradadas da cidade. Myron se levantou.

– Você tem um mapa das ruas?

– No porta-luvas.

– Ótimo. Vou pegar seu carro emprestado por um tempo.

– Aonde você vai?

– Vou dar uma passada nesse caixa.

Ela franziu a testa.

– Para quê?

– Não sei – admitiu Myron. – Como já disse, investigar não é uma coisa muito científica. Você anda por aí, aperta uns botões e espera que algo aconteça.

Linda tirou as chaves do bolso.

– Talvez os sequestradores o tenham pegado lá – disse ela. – Talvez você veja o carro dele ou alguma outra coisa.

Myron quase deu um tapa na própria testa. Um carro. Ele se esquecera de uma coisa tão básica. Um menino desaparecido no caminho da escola trazia-lhe à mente imagens de ônibus amarelos ou de uma pessoa andando com sua mochila. Como pôde deixar passar a pista de um carro?

Ele perguntou a marca e o modelo. Um Honda Accord cinza. Um carro que não chama atenção. Placa da Pensilvânia 567-AHJ. Ele ligou para Esperanza e, depois, passou a Linda o número de seu celular.

– Ligue para mim se acontecer alguma coisa.

– Está bem.

– Volto logo.

A distância não era grande. A impressão é que ele tinha se deslocado instan-

taneamente do esplendor do verde para o lixo do concreto – como em *Jornada nas estrelas*, quando eles atravessam um portal do tempo.

O caixa eletrônico era um *drive-through*, e seus arredores poderiam ser chamados, com muito boa vontade, de zona comercial. Câmeras por todo lado. Nada de caixas humanos. Será que um sequestrador correria esse risco? Muito improvável. Myron se perguntou onde poderia conseguir uma cópia das gravações do banco sem chamar a atenção da polícia. Win devia conhecer alguém. Instituições financeiras normalmente ansiavam por cooperar com a família Lockwood. O problema era se Win estaria disposto a colaborar.

Havia depósitos abandonados – ou pelo menos pareciam abandonados – ao longo do caminho. Ciclistas de 18 anos passaram a toda a velocidade como se tivessem saído de um velho filme de ação. Eles fizeram Myron lembrar-se da moda da Faixa do Cidadão na sua infância. Como todo mundo, seu pai comprou um aparelho de rádio. Nascido em Flatbush, no Brooklyn, ele conseguiu criar uma fábrica de roupa de baixo em Newark berrando “usuário de Faixa do Cidadão um-nove”. O pai dirigia pela Hobart Gap Road entre a casa deles e o shopping de Livingston – um quilômetro e meio de distância, talvez – perguntando aos seus “bons camaradas” se havia algum sinal dos “homens”. Myron sorriu ao se lembrar disso. Ah, os aparelhos de Faixa do Cidadão. Ele tinha certeza de que o pai ainda guardava o seu em algum lugar. Provavelmente junto com o cartucho, de oito faixas.

Ao lado do caixa eletrônico havia um posto de gasolina tão caído que o dono nem se dera o trabalho de lhe dar um nome. Carros enferrujados jaziam sobre blocos de concreto desmoronados. Do outro lado do posto, um motel de quinta categoria chamado Court Manor Inn saudava os clientes com um aviso em letras verdes: \$19,99 A HORA.

Dica de Viagem número 83 de Myron Bolitar: Um hotel cinco estrelas não anuncia o preço por hora.

Sob a indicação do preço, impresso em letras pretas menores, lia-se: TETO ESPELHADO E QUARTOS TEMÁTICOS: PEQUENA TAXA EXTRA. Myron preferia se manter na ignorância. A última linha, novamente com letras verdes: INFORME-SE SOBRE NOSSO CLUBE DE FIDELIDADE. Meu Deus.

Myron se perguntou se valia a pena fazer uma tentativa e resolveu que sim. Provavelmente não ia dar em nada, mas se Chad estivesse se escondendo – e mesmo que tivesse sido sequestrado –, um motel era um lugar tão bom para se enfiar quanto qualquer outro.

Ele parou no estacionamento. O Court Manor era uma típica espelunca com dois andares. As escadas externas eram de madeira podre. As paredes de ci-

mento davam a impressão de coisa inacabada e malfeita. Blocos de concreto estavam pelo chão. Uma máquina de Pepsi desligada protegia a porta como um guarda da rainha da Inglaterra. Myron passou por ela e entrou.

Ele esperava encontrar o saguão característico dos motéis de quinta – isto é, um homem de Neandertal com barba por fazer, camiseta muito curta, mascarando um palito de dentes, sentado atrás de um vidro à prova de balas e arrotando cerveja. Ou coisa do tipo. Mas não era o caso. O Court Manor Inn tinha um balcão de recepção alto, acima do qual havia uma placa de bronze onde se lia *CONCIERGE*. Myron teve de se segurar para não rir. Atrás do balcão, um homem bem-vestido com cara de bebê e quase 30 anos se pôs em posição de sentido. Estava de camisa passada, colarinho engomado, gravata preta com um perfeito nó Windsor. Ele sorriu para Myron.

– Boa tarde, senhor! – exclamou ele. Sua fisionomia e sua voz lembravam um apresentador de TV. – Bem-vindo ao Court Manor Inn!

– OK. – disse Myron. – Olá.

– Posso ajudá-lo em algo, senhor?

– Espero que sim.

– Ótimo! Meu nome é Stuart Lipwitz. Sou o novo gerente do Court Manor Inn. – Ele olhava para Myron com expectativa.

– Meus parabéns.

– Bem, obrigado, senhor. É muita gentileza de sua parte. Se houver algum problema, se algo no Court Manor não corresponder a suas expectativas, por favor, comunique-me imediatamente, que eu mesmo tomarei as devidas providências. – Sorriso de orelha a orelha, peito estufado. – No Court Manor, garantimos a satisfação dos clientes.

Myron ficou olhando para ele por um minuto, esperando que o sorriso ofuscante diminuísse um pouco de intensidade. Não diminuiu. Myron tirou do bolso a foto de Chad Coldren.

– Você já viu este garoto?

Lipwitz nem ao menos olhou para baixo. Ainda sorrindo, perguntou:

– Lamento, senhor, mas o senhor é da polícia?

– Não.

– Então receio que não possa ajudá-lo. Sinto muitíssimo.

– O que disse?

– Lamento, senhor, mas aqui no Court Manor Inn nos orgulhamos de nossa discrição.

– Ele não está metido em nenhuma encrenca – alegou Myron. – Não sou um detetive particular tentando pegar um marido infiel ou coisa do tipo.

O sorriso não vacilou.

– Lamento, senhor, mas aqui é o Court Manor Inn. Nossos clientes usam nossos serviços para diversas atividades e muitas vezes fazem questão do anonimato. Aqui no Court Manor devemos respeitar isso.

Myron examinou o rosto do homem procurando algum sinal de que aquilo era puro fingimento. Nada. Toda a sua pessoa brilhava como um ator numa performance artística. Myron se debruçou sobre o balcão e examinou os sapatos de Lipwitz. Dava para ver seu reflexo neles. O cabelo era penteado para trás. O brilho nos olhos parecia verdadeiro.

Myron levou algum tempo, mas finalmente viu aonde aquilo iria parar. Tirou a carteira do bolso, pegou uma nota de vinte e empurrou-a por sobre o balcão. Lipwitz olhou para a nota, mas não se mexeu.

– Para que é isso, senhor?

– É um presente – disse Myron.

Lipwitz não tocou no dinheiro.

– É só uma pequena informação – continuou Myron. Ele puxou outra nota e segurou-a no ar. – Eu tenho outra, caso você queira.

– Senhor, temos um lema aqui no Court Manor Inn: o cliente em primeiro lugar.

– Esse não é o lema das prostitutas?

– Como disse, senhor?

– Esquece.

– Eu sou o novo gerente do Court Manor Inn, senhor.

– Ouvi falar.

– Além disso, recebo 10%.

– As amigas da sua mãe devem sentir muita inveja.

O sorriso continuava firme.

– Em outras palavras, senhor, pretendo ficar aqui por muito tempo. É assim que encaro este negócio. A longo prazo. Não apenas hoje. Não apenas amanhã. Mas também no futuro. A longo prazo, entende?

– Ah – fez Myron num tom enfadonho. – Você quer dizer a longo prazo?

Lipwitz estalou os dedos.

– Exatamente. E nosso lema é: Existem muitos lugares onde você pode gastar seus dólares em adultério. Torcemos para que seja aqui.

Myron esperou um instante, depois comentou:

– Muito nobre.

– Aqui no Court Manor Inn trabalhamos duro para ganhar sua confiança, e confiança não tem preço. Quando acordo de manhã, tenho de me olhar no espelho.

– Seria o espelho do teto?

O sorriso persistia.

– Deixe-me explicar de outra maneira – disse ele. – Se um cliente sabe que o Court Manor Inn é um lugar onde pode se sentir seguro para cometer um pequeno deslize, é provável que queira voltar. – Ele se inclinou para a frente, olhos úmidos de excitação. – Entende?

Myron fez que sim.

– Fidelização.

– Exatamente.

– E boas referências também – acrescentou Myron. – Tipo: “Ei, Bob, conheço um ótimo lugar para dar uma boa trepada às escondidas.”

Sempre sorrindo, o outro assentiu.

– Então o senhor entendeu.

– Tudo isso é muito bonito, Stuart, mas esse garoto tem 15 anos. Quinze anos.

– Na verdade, Chad tinha 16, mas e daí? – Isso é ilegal.

O sorriso permaneceu, mas agora mostrando desapontamento com o aluno favorito.

– Sinto discordar do senhor, mas, aqui neste estado, o limite legal para se caracterizar estupro é 14 anos. Além disso, não há lei que proíba a alguém de 15 anos alugar um quarto de motel.

O sujeito estava escorregadio demais, pensou Myron. Se o garoto não tivesse estado lá, não havia razão para todo aquele palavreado. Então, vamos tornar a encarar os fatos. Lipwitz com certeza estava curtindo aquilo. Ele estava se achando o máximo. Já era hora de reagir.

– Mas a lei não admite que ele seja agredido em seu motel – alegou Myron. – A lei não admite que alguém pegue uma chave sobressalente na recepção e a use para entrar no quarto – acrescentou. O Sr. Blefe vai para a Filadélfia.

– Nós não temos chaves sobressalentes – retrucou Lipwitz.

– Bem, ele entrou de alguma forma.

O sorriso continuava impávido. E também o tom educado.

– Se fosse esse o caso, senhor, a polícia teria vindo aqui.

– É para lá que vou agora se você não cooperar.

– E você quer saber se esse jovem – Lipwitz indicou a foto – esteve aqui?

– Sim.

O sorriso tornou-se ainda mais radiante. Myron quase protegeu os olhos com as mãos.

– Mas se o senhor está falando a verdade, o garoto poderia lhe dizer se esteve aqui. O senhor não precisaria me procurar para isso, certo?

Myron ficou impassível. O Sr. Blefe acabara de ser derrotado pelo novo gerente do Court Manor Inn.

– É verdade – disse Myron, mudando de tática. – Eu já sabia que ele esteve aqui. Era só uma pergunta preliminar. Como quando a polícia pede que você diga seu nome, mesmo que já saiba. Só para colocar a bola em jogo. – O Sr. Blefe dá lugar ao Sr. Improviso.

Lipwitz pegou um pedaço de papel e se pôs a rabiscar.

– Aqui está o nome e o telefone do advogado do Court Manor Inn. Ele poderá ajudá-lo a solucionar qualquer problema que o senhor tenha.

– E aquela história de tomar as devidas providências? De garantir a satisfação dos clientes?

– Senhor. – Ele se inclinou para a frente, mantendo o contato visual. Não havia o menor sinal de impaciência na voz ou na fisionomia. – Posso falar com franqueza?

– Vá em frente.

– Eu não acredito numa palavra do que está dizendo.

– Obrigado pela franqueza.

– Não, eu é que agradeço, senhor. Volte sempre.

– Outro lema das prostitutas.

– Perdão?

– Nada. Posso ser franco também?

– Sim.

– Vou dar um soco na sua cara se não disser se viu esse menino. – O Sr. Improviso perde a calma.

A porta se abriu bruscamente. Um casal entrou agarrado aos tropeços. A mulher estava esfregando abertamente a virilha do homem.

– Precisamos de um quarto agora mesmo – exigiu o homem.

Myron voltou-se para eles e perguntou:

– Vocês trouxeram seus cartões de fidelidade?

– O quê?

Lipwitz exibia o mesmo sorriso.

– Adeus, senhor. E tenha um bom dia – disse ele a Myron. Então, renovando o sorriso, dirigiu-se ao casal abraçado. – Bem-vindos ao Court Manor Inn. Meu nome é Stuart Lipwitz. Sou o novo gerente.

Myron foi até o carro. No estacionamento, respirou fundo e olhou para trás. Toda aquela visita lhe dava uma impressão de irrealidade, como aquelas descrições de abduções alienígenas. Ele entrou no carro e ligou para o celular de Win. Ele só queria deixar um recado na caixa postal. Para sua surpresa, porém, Win atendeu.

– Desembucha – brincou ele.

Por um instante, Myron ficou confuso.

– Sou eu – falou por fim.

Silêncio. Win odiava o óbvio. Ele reconheceria a voz de Myron. E, se não reconhecesse, o “Sou eu” seria inútil.

– Pensei que você não atendia o telefone no campo de golfe – disse Myron.

– Estou indo para casa para trocar de roupa – informou Win. – Depois vou jantar no Merion. – Grã-fino nunca come: janta. – Quer vir comigo?

– Parece uma boa ideia – disse Myron.

– Espere um instante.

– O quê?

– Você está vestido adequadamente?

– Eu nunca uso roupas que não combinam. Será que ainda assim vão me deixar entrar?

– Meu Deus, meu Deus, essa foi muito engraçada, Myron. Vou anotar essa. Logo que eu parar de rir, vou procurar uma caneta. Estou rindo tanto que vou jogar meu precioso Jaguar contra um poste. Ai de mim! Ao menos vou morrer com o coração pleno de alegria.

Win.

– Temos um caso – disse Myron.

Silêncio. Win tornava as coisas tão fáceis.

– Contarei durante o jantar.

– Até lá – disse Win –, a única coisa que posso fazer para conter minha ansiedade é tomar uma dose de conhaque.

Click. Era impossível não gostar desse Win.

Myron não tinha percorrido um quilômetro quando o celular tocou. Ele atendeu.

Era Bucky.

– O sequestrador ligou de novo.

capítulo 4

– **O QUE ELE DISSE?** – perguntou Myron.

– Eles queriam dinheiro – respondeu Bucky.

– Quanto?

– Não sei.

Myron ficou confuso.

– Como assim? Eles não disseram?

– Acho que não.

Houve um barulho ao fundo.

– Onde você está? – indagou Myron.

– No Merion. Escute, foi Jack quem atendeu o telefone. Ele ainda está em choque.

– Jack atendeu?

– Sim.

Duplamente confuso.

– O sequestrador ligou para Jack no Merion?

– Sim. Por favor, Myron, você pode voltar para cá? Será mais fácil explicar.

– Estou indo.

Ele foi do motel decadente até uma rodovia e entrou na área verde. Os subúrbios elegantes de Filadélfia tinham relvados luxuosos, mato alto e árvores frondosas. Impressionante como ficavam perto das ruas mais pobres de Filadélfia. Como a maioria das cidades, havia uma terrível segregação ali. Myron lembrou-se do dia que foi com Win ao Veterans Stadium assistir a um jogo do Eagles alguns anos atrás. Eles passaram por um quarteirão de italianos, por um de poloneses, por outro de afro-americanos; era como se um poderoso campo de força invisível – novamente, como em *Jornada nas estrelas* – isolasse cada etnia. A Cidade do Amor Fraternal quase podia ser chamada de Pequena Jugoslávia.

Myron entrou na Armore Avenue. O Merion ficava a mais ou menos um quilômetro e meio de distância. Seus pensamentos se voltaram para Win. Como o velho amigo iria reagir quando ele mencionasse o envolvimento de sua mãe no caso?

Provavelmente não muito bem.

Em todos os anos de amizade, Myron só ouvira Win mencionar a mãe uma vez.

Foi em seu primeiro ano na Duke. Eles dividiam um quarto e tinham acabado de chegar de uma festa louca, regada a cerveja. Myron não era o que se poderia chamar de bom bebedor. Bastavam duas doses para ele tentar dar um beijo de língua numa torradeira. Ele punha isso na conta de sua família, que nunca se dera bem com álcool.

Por outro lado, Win parecia ter sido desmamado com bebidas destiladas. O álcool nunca chegava a afetá-lo demais. Mas naquela festa, excepcionalmente, o ponche carregado no álcool o fez até cambaleiar um pouco. Só na terceira tentativa ele conseguiu abrir a porta do dormitório.

Myron logo desabou na cama. O teto girava no sentido anti-horário numa velocidade assustadora. Ele fechou os olhos. Suas mãos agarraram-se aos lençóis, dominadas pelo terror. Seu rosto perdera a cor. Sentia uma dolorosa ânsia de vômito. Myron se perguntava quando conseguiria vomitar, rezando para que fosse logo.

Ah, o glamour das bebedeiras da faculdade.

Por um instante nenhum dos dois falou nada. Myron pensou que Win caíra no sono. Ou tinha ido embora. Sumido na noite. Talvez ele não tivesse se agarrado à cama como devia, e a força centrífuga o lançara pela janela.

Então a voz de Win rompeu a escuridão.

– Dê uma olhada nisto.

Sua mão se estendeu e deixou cair algo sobre o peito de Myron. Ele arriscou se segurar na cama com apenas uma das mãos. Por enquanto, estava indo tudo bem. Tateou à procura da tal coisa, encontrou-a, ergueu-a para poder ver. A lâmpada de um poste lá fora – os campi das universidades são sempre iluminados como árvores de Natal – clareava tanto o quarto que se poderia tirar fotos. A imagem estava granulada e desbotada, mas Myron enxergou o que parecia ser um carrão.

– É um Rolls-Royce? – perguntou Myron, que não entendia nada de carros.

– Um Bentley S3 Continental Flying Spur – corrigiu Win. – Ano 1962. Um clássico.

– É seu?

– Sim.

A cama girava em silêncio.

– Como conseguiu?

– Um homem que andava trepando com minha mãe me deu.

Fim. Depois disso, Win se fechou completamente. A muralha que ele levantou, além de impenetrável, não permitia aproximação, cercada por minas terrestres, um fosso e fios elétricos de alta voltagem. Nos quinze anos que se seguiram, ele nunca mais mencionou a mãe. Nem quando os pacotes chegavam ao dormitório todo semestre. Nem quando os pacotes chegavam ao escritório dele no aniversário. Nem mesmo quando eles a viram pessoalmente dez anos atrás.



Na placa de madeira escura lia-se simplesmente MERION GOLF CLUB. Nada mais. Nada de “Apenas para sócios”, nem “Somos elitistas e queremos distância de você”, nem “Quem não é norte-americano usa a entrada de serviço”. Não havia necessidade disso. Era básico.

O último jogo do Aberto tinha se encerrado havia pouco tempo, e quase toda a multidão já se fora. O Merion comportava apenas 17 mil espectadores num torneio – menos da metade da capacidade da maioria dos campos –, mas ainda assim era um horror para estacionar. A maior parte do público era obrigada a parar no Haverford College, ali perto. Ônibus circulares faziam continuamente o trajeto entre o Merion e o Haverford.

No alto da entrada de carros, um guarda o fez parar.

– Vim me encontrar com Windsor Lockwood – disse Myron.

Reconhecimento imediato. Movimento imediato indicando passagem livre.

Bucky correu em sua direção antes que ele estacionasse. Seu rosto parecia ainda mais arredondado, as bochechas mais estufadas.

– Onde está Jack? – perguntou Myron.

– No campo oeste.

– Onde?

– O Merion tem dois campos – explicou o velho, esticando o pescoço novamente. – O leste, que é o mais famoso, e o oeste. Durante o Aberto, o oeste é usado para treinar.

– E seu genro está lá?

– Sim.

– Treinando tacadas?

– Claro. – Bucky olhou-o, surpreso. – Sempre se faz isso depois de uma rodada. Todos os golfistas do circuito sabem disso. Você jogou basquete. Você não praticava seus lançamentos logo depois de um jogo?

– Não.

– Bem, com eu já disse, o golfe é muito especial. Os jogadores precisam passar os lances depois de cada rodada. Mesmo que tenham jogado bem. Concentram-se em suas tacadas boas, tentam descobrir a causa das tacadas ruins. Eles recapitulam o dia.

– Ahã – fez Myron. – Então, me fale sobre o telefonema do sequestrador.

– Vou levar você até Jack – disse ele. – Por aqui.

Eles cruzaram o *fairway* número 18, depois avançaram pelo 16. Havia no ar um cheiro de grama recém-cortada e de pólen. Fora um grande ano para o pólen na Costa Leste; os alergistas da região estavam em êxtase.

Bucky sacudiu a cabeça.

– Veja só esses *roughs* – disse ele. – Assim não é possível.

Ele apontou para a grama alta. Myron não tinha ideia do que ele estava falando, por isso balançou a cabeça e continuou andando.

– A maldita associação de golfe quer ver os golfistas aos seus pés – continuou

Bucky com seu sermão. – Então eles deixam os *roughs* nesse estado. Pelo amor de Deus, é como jogar num arrozal. Aí eles aparam o green tão rente ao chão que os golfistas bem poderiam estar jogando num rinque de hóquei.

Myron manteve-se calado. Os dois continuaram andando.

– Este é um dos famosos buracos na pedreira – disse Bucky, agora um pouco mais calmo.

– Ahã.

O homem falava pelos cotovelos. As pessoas fazem isso quando estão nervosas.

– Quando os construtores do campo chegaram aos buracos 16, 17 e 18 – continuou Bucky, num estilo não muito diferente de um guia da Capela Sistina –, deram com uma pedreira. Em vez de desistir da área, seguiram em frente e incorporaram a pedreira ao percurso.

– Puxa – disse Myron em voz baixa –, eles eram muito corajosos!

Alguns tagarelam quando estão nervosos. Outros preferem usar de sarcasmo.

Eles chegaram ao *tee* e dobraram à direita, andando ao longo da sede do clube. Embora o último grupo tivesse terminado de jogar havia mais de uma hora, vários golfistas ainda davam suas tacadas. Os profissionais não só treinavam – usando uma ampla série de tacos com cabos de madeira ou ferro, longos ou não –, como aproveitavam para aperfeiçoar suas estratégias com os caddies, checar o equipamento com os patrocinadores, fazer *networking*, socializar com outros golfistas, fumar (uma quantidade surpreendente de profissionais acendia um cigarro após o outro) e até conversar com agentes.

Nos círculos do golfe, o campo de treinamento era chamado de escritório.

Myron reconheceu Greg Norman e Nick Faldo. Avistou também Tad Crispin, o novato do pedaço, o futuro Jack Nicklaus – em suma, o cliente dos sonhos. O garoto tinha 23 anos e era bonito e tranquilo, noivo de uma mulher atraente e feliz da vida. Ele ainda não tinha um agente. Myron tentou não salivar. Mas ele era tão humano quanto qualquer um. Afinal de contas, trabalhava como agente esportivo. Era preciso dar um desconto.

– Onde está Jack? – perguntou Myron.

– Nesta direção – respondeu Bucky. – Ele queria praticar sozinho.

– Como o sequestrador conseguiu entrar em contato com ele?

– Ele ligou para o telefone central do Merion e disse que era uma emergência.

– E isso funcionou?

– Sim – disse Bucky devagar. – Na verdade, quem estava ao telefone era o próprio Chad. Ele se identificou como filho de Jack.

Curioso.

– A que horas foi esse telefonema?

– Talvez uns dez minutos antes de eu ligar para você. – Bucky parou e apontou com o queixo. – Ali.

Jack Coldren era um sujeito baixinho, meio barrigudo, mas com braços parecidos com os do Popeye. Seus cabelos esvoaçavam ao vento, revelando uma calvície que avançava rapidamente. Ele golpeou a bola com um taco de madeira com uma fúria extraordinária. Para algumas pessoas, aquilo poderia parecer muito estranho. O cara acaba de receber a notícia de que o filho foi sequestrado e resolve treinar tacadas. Mas Myron entendia. Dar tacadas era como consolar-se com comida. Quanto mais Myron se sentia estressado, mais desejava enestar algumas bolas. Todos temos alguma muleta. Alguns bebem. Alguns usam drogas. Alguns gostam de dirigir por um bom tempo ou disputar um desses jogos de computador. Quando Win queria espairecer, muitas vezes assistia a videoteipes de suas próprias façanhas sexuais. Mas isso era Win.

– Quem é aquela mulher que está com ele? – perguntou Myron.

– Diane Hoffman – disse Bucky. – A caddie de Jack.

Myron sabia que não era incomum ver caddies do sexo feminino no circuito profissional masculino. Alguns jogadores chegavam a contratar a própria esposa. Economia de dinheiro.

– Ela sabe o que está acontecendo?

– Sim. Diane estava presente quando ele atendeu o telefonema de Chad. Eles são muito íntimos.

– Você já contou a Linda?

Bucky assentiu.

– Liguei para ela imediatamente. Você se importa de se apresentar a ele? Gostaria de voltar para a sede do clube para saber como Linda está.

– Sem problema.

– Como posso contatar você se acontecer alguma coisa?

– Ligue para o meu celular.

Bucky arquejou.

– Aqui no Merion celulares não são permitidos – alertou ele, como se fosse um decreto papal.

– Eu não sigo as regras – disse Myron. – É só uma ligação.

Myron aproximou-se deles. Diane Hoffman estava com os pés bem afastados um do outro, braços cruzados, rosto concentrado nos movimentos de Coldren. De sua boca pendia um cigarro quase na vertical. Ela nem ao menos olhou para Myron. Jack Coldren girou o corpo e despachou a bola, soltando toda a sua energia. A bola disparou sobre as colinas distantes.